

ESTIGMAS CRUZADOS: PERCEPÇÕES DE PAIS SOBRE O DIAGNÓSTICO DE TEA E OS REFLEXOS NO VÍNCULO E ACOMPANHAMENTO DOS FILHOS.

CROSSED STIGMAS: PARENTS' PERCEPTIONS OF THE DIAGNOSIS OF ASD AND ITS IMPACT ON THE BONDING AND SUPPORT OF THEIR CHILDREN.

Nágela Daniel do Amaral ¹

Mariana Grassi Maciel ²

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza por uma condição relacionada ao neurodesenvolvimento. Suas principais características incluem dificuldades em se comunicar, interação social, comportamentos, interesses ou atividades que são restritivas e repetitivas. Esta pesquisa teve por objetivo investigar questões sobre estigmas a pais que descobrem o diagnóstico de TEA em seus filhos e com isso sofrem em seu processo de desenvolvimento. Diante disso, para muitos pais e familiares a chegada de um diagnóstico pode gerar muitas mudanças significativas que provocam vários sentimentos a essas pessoas, dificultando o acompanhamento para um desenvolvimento relevante. Foi realizada algumas pesquisas significativas por meio de artigos científicos em bases SciELO, BVS, Pepsic publicados entre 2019 e 2025, a partir de descritores como: TEA; Estigma; pais; parentalidade e adesão ao acompanhamento. De acordo com artigos encontrados, nota-se que a presença de estigma afeta como os pais lidam com seus filhos e sociedade, prejudicando assim o seu acompanhamento, bem-estar emocional e vínculo afetivo. Além disso, muitos pais e cuidadores descrevem sobre a sobrecarga, falta de suporte social, falta de orientação adequada na qual possibilita impacto emocional e a influência de como é lidado com as demandas de cuidados diários. A pesquisa aponta que em alguns casos os estigmas são persistentes e com isso há um risco maior de sofrimento entre cuidadores. Dessa maneira a importância do fortalecimento da rede de apoio, promover ações de conscientização social e acompanhamento multiprofissional das famílias podem reduzir impedimentos no desenvolvimento e saúde mental dos pais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Estigma; Pais; Acompanhamento.

¹ Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil. Nagela.Amaral@souunisales.com.br

² Centro Universitário Salesiano - Unisales. Vitória/ES, Brasil.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized as a neurodevelopmental condition. Its main characteristics include difficulties in communication, social interaction, and restrictive and repetitive behaviors, interests, or activities. This research aimed to investigate issues of stigma faced by parents who discover their children have been diagnosed with ASD, and the resulting impact on their development. For many parents and family members, receiving a diagnosis can generate significant changes that evoke various emotions, hindering their ability to support their children's development. Significant research was conducted using scientific articles from databases such as SciELO, BVS, and pepsic, published between 2019 and 2024, using keywords such as: ASD; Stigma; parents; parenting; and adherence to support. According to the articles found, the presence of stigma affects how parents interact with their children and society, thus hindering their support, emotional well-being, and affective bonding. Furthermore, many parents and caregivers describe the overload, lack of social support, and lack of adequate guidance, which can have an emotional impact and influence how they cope with the demands of daily care. Research indicates that, in some cases, stigma is persistent, leading to a greater risk of suffering among caregivers. Therefore, strengthening support networks, promoting social awareness campaigns, ensuring social awareness, and providing multidisciplinary support to families can reduce impediments to parental development and mental health. Resumo do artigo no idioma inglês. Seguir as mesmas orientações da seção “Resumo”,

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Stigma; Parents; Parenting; Support.

1. INTRODUÇÃO

A descoberta de um diagnóstico de um filho pode acarretar um choque na qual muitos pais se adiantam em sofrimentos diante de vários processos de expectativas e projetos que não correspondem mais a uma realidade, causando grande impacto familiar (Mendes; Pereira, 2021). Ao caracterizar sobre o diagnóstico TEA (transtorno do Espectro autista) pode se dizer que é uma condição relacionada ao neurodesenvolvimento. Suas principais características incluem dificuldades em se comunicar, interação social, comportamentos, interesses ou atividades que são restritivas e repetitivas (American Psychiatric Association, 2023). As manifestações do TEA variam amplamente, mostrando uma extensa diversidade de habilidades e desafios. O termo "espectro" é utilizado nas definições atuais para incluir essa variedade, que vai desde pessoas com alta capacidade intelectual até aquelas com comprometimentos cognitivos severos, com isso percebe-se que o diagnóstico é bem explorado atualmente remetendo-se estigmas sociais na sociedade (Paula; Ribeiro; Fernandes, 2020). o Estigma social é um problema significativo enfrentado atualmente, estigmas se manifestam de maneira clara que levam a julgamentos e discriminação, falas ofensivas e hostil que tem um impacto emocionais que atingem diretamente aos que possuem TEA (Alves et al., 2022). Ao se usar o termo de estigmatização e sua influência em pessoas que têm o cuidado com os mesmos

remetem a uma capacidade de conviver com os cuidados do dia a dia e a interferência que traz no vínculo direto com o filho. Em pesquisas realizadas pais de crianças com diagnóstico TEA relatam com frequência vivências de medo, frustração, insegurança e culpa por julgamentos sociais que impedem muitas vezes de participação em alguns acompanhamentos especializados (Mokatin, 2023; Rossetti et al., 2024).

Ao retratar sobre estigmas e seus impactos percebe-se o como a um impacto na saúde mental e na trajetória terapêutica dos pais e cuidadores. A trajetória de cuidados é cheia de desafios que aumentam de acordo com cada demanda nas práticas de terapias e intervenções, como explica (Mendes; Pereira, 2021), que a descoberta do diagnóstico estabelece uma crise de expectativas. Com isso, a insistência do estigma social e a sua internalização simboliza uma dupla carga que afeta diretamente a saúde mental dos pais comprometendo o acompanhamento do filho.

Tratar de estigma social é verificar suas manifestações no cotidiano e perceber como a discriminação pública e a falta de empatia são desafios e apresenta comportamentos comprometedores em ambientes externos (Alves et al., 2022). A sociedade insiste em julgar principalmente pela dificuldade de adaptação que é vista pelos pais como um fracasso em sua competência parental, acarretando assim sentimento de culpa e até mesmo se isolado do mundo externo (Mokatin, 2023). Ao gerar essa exibição leva a crítica social que gera um fator de risco claramente desenvolvido por transtornos de ansiedade, depressão e *burnout* parental (Silva & Costa, 2021). a sobrecarga nesse aspecto principalmente a emocional se torna um ponto forte nesse aspecto pois interfere no bem-estar e também esgotamento dos recursos necessários para o processo de desenvolvimento terapêutico da criança (Pereira et al., 2023).

Em alguns casos o estigma internalizado está bem presente também a esses pais pois pode se caracterizar em pensamentos negativos sobre si ou até mesmo a capacidade de seus filhos. Em alguns contextos a autoestima consegue alcançar isolamentos, ansiedade e dificuldades em interação com profissionais ligados ao seu acompanhamento (Esper et al., 2024; Mokarin, 2023). Fatores como esses estão ligados a cortes de participação em acompanhamentos necessários que dificultaram a eficácia em seu desenvolvimento. Entender esses estigmas ajuda na percepção de vivências em forma geral e é importante para seu acompanhamento contínuo.

Além disso, o estigma que se internaliza a aceitação dos estereótipos negativos relacionados ao TEA e à família mina a autoconfiança e a autoestima dos pais (Esper et al., 2024). Esse sentimento de culpa pessoal propicia o afastamento social, uma vez que os pais podem optar por não frequentar locais públicos e evitar interações sociais para escapar de julgamentos, resultando na perda de uma rede de apoio essencial. O impacto dessa situação na jornada terapêutica é a evasão ou dificuldade em seguir os acompanhamentos. Se um dos pais se sente incapaz ou nervoso ao se comunicar com o especialista, essa barreira emocional pode levar a faltas ou à não aplicação das estratégias e orientações em casa, prejudicando o progresso da criança e a continuidade dos cuidados (Rossetti et al., 2024). Assim, enfrentar esses estigmas

é não apenas uma questão de saúde social, mas um fator fundamental para o êxito das intervenções para o TEA.

O retrato do vínculo familiar é uma ferramenta muito importante na descoberta do TEA. estudos mostram que vínculos afetivos entre pais e filhos tornam maior o fortalecimento nos acompanhamentos e desenvolvimentos dos mesmos, e quando os pais passam pela experiência de estigmas caso seja social ou interna aparecem barreiras sentimentais que impactam diretamente a interação com a criança e orientações profissionais (Santos et al 2022; lopes et al Telaska, 2022). algumas situações principalmente como o apoio, uma escuta qualificada e acompanhamento específico como a psicologia são de extrema importância pois auxilia nos cuidados das emoções, fortalecimento e laço familiar com os mesmos.

Reconhecendo a fragilidade causada pelo estigma, é essencial direcionar esforços para a força familiar e a promoção dos fatores de proteção. O laço emocional entre pais e filhos, já mencionado na parte introdutória (Santos et al., 2022), é fundamental para cultivar essa força. Um relacionamento seguro e afetuoso atua como um amortecedor contra as pressões e os efeitos negativos do estigma, criando um lar mais equilibrado que favorece o crescimento social, emocional e cognitivo da criança (Lopes et al. Telaska, 2022). Quando os pais conseguem desenvolver esse vínculo, concentrando-se nas capacidades e no potencial do filho, a perspectiva do diagnóstico muda de uma limitação para um olhar voltado para o progresso, ajudando a lidar com o luto e a crise inicial.

Nesse cenário, a ajuda profissional especializada, especialmente a intervenção psicológica voltada para a família, é extremamente valiosa. O suporte psicológico deve ir além da psicoeducação sobre o TEA, priorizando a escuta atenta e a validação das vivências emocionais dos cuidadores (Lima & Souza, 2022). Abordagens que utilizam terapia centrada na família ou técnicas cognitivo-comportamentais adaptadas para os pais ajudam a desfazer o estigma internalizado, combatendo ideias disfuncionais de culpa e inadequação. Incentivar grupos de apoio e o intercâmbio de experiências entre os pais também se mostra útil, pois a troca de vivências diminui a sensação de isolamento e legitima os sentimentos de estresse e frustração.

Em última análise, a desconstrução de preconceitos depende de uma representação social mais precisa e positiva do TEA (Oliveira & Costa, 2024; Costa, 2023). O esforço acadêmico e de conscientização deve enfatizar que o suporte é uma necessidade vital, não um privilégio, para que os pais possam exercer uma parentalidade efetiva, fortalecer os vínculos familiares e assegurar a inclusão, a aceitação e a qualidade de vida da pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

1. METODOLOGIA

A pesquisa atual é definida como uma revisão de literatura, utilizando uma abordagem qualitativa e descritiva, com o objetivo de entender detalhadamente os estigmas sociais e internalizados enfrentados por pais de filhos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A opção por essa metodologia é baseada na necessidade de examinar

percepções, relatos e interpretações de diferentes autores, permitindo identificar como esses estigmas afetam tanto o apoio parental quanto o desenvolvimento das crianças. Assim, a revisão teórica proporciona uma visão abrangente sobre as vivências familiares, possibilitando a elaboração de uma análise crítica e contextualizada (Gil, 2019; Lakatos & Marconi, 2021).

A coleta de dados foi feita em bases de dados reconhecidas nas áreas de saúde e psicologia, como SciELO, BVS/LILACS e PePSIC. Nesses acervos, foram selecionados artigos publicados entre 2019 e 2024, período considerado recente e pertinente para compreender as discussões atuais sobre o TEA. A seleção dos trabalhos priorizou temas relacionados aos cuidados dos pais, dinâmica familiar, estigmas sociais, adesão ao tratamento e os impactos emocionais e sociais que surgem no contexto do diagnóstico. Foram utilizados termos de pesquisa tanto combinados quanto individuais, como: Transtorno do Espectro Autista, estigma social, laços familiares, pais e cuidadores, adesão ao tratamento, impactos na família e experiências parentais.

A escolha dos materiais foi realizada em diferentes etapas. Primeiramente, foram utilizados termos associados ao tema principal, filtrando estudos que se conectam ao objetivo da pesquisa. Após ler títulos e resumos, foram eliminadas publicações que não se encaixavam no foco da investigação. Posteriormente, a leitura completa dos artigos selecionados foi realizada para identificar categorias, tendências e contributos relevantes para o tema. Para organizar essa fase, foi aplicada a técnica de análise temática de Bardin (2016), que facilita a organização e interpretação de dados qualitativos a partir de categorias previamente estabelecida

Na análise, foram extraídas e organizadas informações como: autor, ano de publicação, local da pesquisa, participantes envolvidos, tipos de estigmas abordados (social, internalizado, institucional), efeitos observados na relação entre pais e filhos, e dificuldades enfrentadas no acompanhamento terapêutico e na aceitação do diagnóstico. Essa categorização auxiliou na criação de um quadro comparativo entre os diferentes estudos.

Após a organização dos dados, os resultados foram analisados a partir de uma perspectiva comparativa e interpretativa. Essa fase buscou identificar semelhanças, diferenças e lacunas na literatura disponível, possibilitando uma compreensão de como os estigmas sociais se relacionam com fatores emocionais, culturais e socioeconômicos no ambiente familiar. Esse processo também permitiu uma reflexão crítica sobre o impacto que esses estigmas podem ter no comportamento dos pais, na busca por apoio profissional e na adesão ao tratamento das crianças diagnosticadas com TEA. Assim, a metodologia utilizada assegurou rigor científico e profundidade analítica, permitindo uma visão mais ampla do fenômeno estudado.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção tem a finalidade de apresentar os principais resultados obtidos a partir da análise das pesquisas escolhidas para esta revisão, além de discutir como esses achados se relacionam com a literatura contemporânea sobre estigma, parentalidade e os efeitos do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas dinâmicas familiares. Para esse propósito, inicialmente, é disponibilizada uma tabela resumo que contém as principais características dos artigos estudados, como autores, ano de publicação e as principais contribuições de cada um. Essa organização facilita a visualização dos elementos que sustentam a discussão subsequente, proporcionando uma visão abrangente sobre como o estigma seja ele social, institucional ou internalizado impacta a saúde mental dos pais, a relação com os filhos e a adesão ao tratamento terapêutico. Com base nessas informações, os resultados são discutidos de maneira integrada, buscando identificar padrões, congruências e implicações para a prática clínica e o suporte a famílias de crianças com TEA.

Estudos Utilizados para a Composição dos Resultados

Autores/ ano	Tema central do estudo	Principais achados
Lima & Teixeira (2024)	Auto Estigma em mães de crianças com TEA	Identificam alta prevalência de estigma internalizado, associado a sofrimento emocional, sobrecarga e dificuldade em buscar apoio.
Silva et al. (2023)	Autismo, neurodiversidade e estigma	Mostram como visões negativas da sociedade influenciam a inclusão, reforçando preconceitos e dificultando o reconhecimento da neurodiversidade.
Paula et al. (2024)	Estigma e conhecimento sobre o autismo	Apontam que falta de informação e mitos sobre o TEA afetam a identidade dos pais e reforçam o estigma social.
Dos Anjos & De Moraes (2022)	Impacto do diagnóstico na relação conjugal	Descrevem aumento de estresse parental, conflitos conjugais e

		fragilidade familiar após o diagnóstico.
Cunha et al. (2022)	Percepção parental sobre o filho com TEA	Relatam constrangimento social dos pais devido aos comportamentos da criança e forte impacto do estigma.
Cunha et al. (2022)	Repercussões emocionais em pais	Evidenciam altos níveis de ansiedade e depressão entre cuidadores, associados à sobrecarga.
Jolly & Huber (2025)	Fatores que impactam a saúde mental dos pais	Mostram sofrimento psíquico elevado e necessidade de apoio emocional e social.
Silva & Neves (2024)	Desafios e estratégias de saúde mental parental	Identificam estresse intenso, piora na qualidade de vida e necessidade de estratégias de enfrentamento.
Santos et al. (2025)	Percepção dos pais sobre a saúde dos filhos com TEA	Associam dificuldades da criança ao aumento do estresse parental e ao impacto emocional nos cuidadores.
Magalhães et al. (2021)	Experiência emocional de familiares cuidadores	Mostram isolamento, sobrecarga emocional e impacto profundo do estigma na dinâmica familiar.

A análise dos dez estudos selecionados permite compreender como os estigmas sociais e internalizados influenciam profundamente a experiência dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os achados apontam para três frentes

principais: 1: a presença constante do estigma social, manifestado através do olhar social, da desinformação e da culpabilização dos pais. 2: a internalização do estigma, que desencadeia sofrimento psicológico significativo no cuidador. 3: as repercussões no vínculo e na adesão ao acompanhamento terapêutico, revelando que o estigma impacta não apenas o bem-estar emocional dos pais, mas também o desenvolvimento da criança.

4.1. Estigma Social: Olhares, Julgamentos e Desinformação

Os estudos revisados destacam que o estigma social continua sendo uma das maiores barreiras enfrentadas pelos pais, mesmo com avanços na divulgação sobre o TEA nos últimos anos. Silva et al. (2023) explicam que grande parte desse estigma deriva de crenças distorcidas e interpretações equivocadas do autismo, associadas ao modelo médico tradicional que enxerga o TEA como desvio, e não como uma forma possível de neurodiversidade. Esse entendimento limitado gera atitudes discriminatórias que os pais percebem em ambientes públicos, escolas e até dentro do próprio círculo familiar.

Cunha et al. (2022), ao analisar a percepção parental, relatam que comportamentos característicos de crianças autistas, como estereotípias, crises ou dificuldades comunicativas, são frequentemente vistos com estranhamento. Isso provoca nos pais sentimentos recorrentes de constrangimento, como ilustra o trecho citado pelos próprios autores: *“As pessoas olham e... é como se fossem mal-educadas”*. Essa experiência reforça o medo do julgamento e reduz a circulação da família em espaços públicos, ampliando o isolamento social.

Além disso, Paula et al. (2024) enfatiza que a falta de conhecimento da sociedade sobre o TEA contribui para rótulos, generalizações e interpretações errôneas sobre o comportamento das crianças. Mitos como “autistas não sentem afeto” ou “o comportamento é culpa dos pais” ainda estão presentes e afetam diretamente a imagem pública da família, fragilizando sua segurança emocional.

Assim, os estudos convergem ao mostrar que o estigma social é estrutural e se manifesta no cotidiano, desde a escola até instituições de saúde, impactando a autoestima parental, sua disposição para expor a criança a novas experiências e até sua motivação para recorrer a atendimentos profissionais.

4.2. Estigma Internalizado: Quando o Julgamento Social se Torna Sofrimento Psíquico

Os resultados também revelam que o estigma internalizado é uma das experiências mais intensas vividas pelos pais, principalmente pelas mães, que ainda permanecem como principais cuidadoras. O estudo de Lima e Teixeira (2024) mostra que o estigma interiorizado está associado a níveis elevados de estresse, ansiedade, sintomas depressivos e sentimento de incapacidade. Muitas mães começam a acreditar que o

comportamento do filho é reflexo de falha pessoal ou de alguma incapacidade enquanto cuidadora.

Esse tipo de estigma leva ao sofrimento emocional, dificultando o enfrentamento saudável da parentalidade. Cunha et al. (2022) também destacam que o sofrimento psíquico é ampliado pela sobrecarga e pela rotina intensa de cuidados, somados ao medo constante do julgamento.

Jolly e Huber (2025), por sua vez, identificam que pais com altos níveis de estigma internalizado apresentam maiores riscos de adoecimento emocional e menor procura por suporte. A internalização do preconceito resulta em autoculpabilização e autocrítica, prejudicando a percepção de competência parental e enfraquecendo a confiança necessária para conduzir intervenções terapêuticas.

A partir desses resultados, observa-se que o estigma internalizado não é apenas uma consequência do estigma social, mas um fenômeno que opera internamente, produzindo fragilidade emocional e interferindo no vínculo com a criança.

4.3. Impactos no Vínculo Familiar e nas Relações Parentais

O diagnóstico do TEA provoca mudanças significativas nas relações familiares. Dos Anjos e De Moraes (2022) evidenciam que muitos casais vivenciam crises conjugais após o diagnóstico devido ao estresse acentuado, à mudança na rotina e à percepção de peso emocional atribuída a um dos membros da família, quase sempre à mãe. O desgaste relacional pode resultar em afastamento afetivo e diminuição do suporte mútuo, o que fragiliza ainda mais o suporte parental.

Magalhães et al. (2021) também mostram que a sobrecarga emocional decorrente do estigma social impacta diretamente o funcionamento familiar. A constante necessidade de justificar o comportamento da criança e enfrentar comentários preconceituosos gera um sentimento de exaustão que compromete a convivência familiar e pode favorecer o isolamento coletivo.

Por outro lado, estudos como o de Santos et al. (2025) sugerem que o modo como os pais percebem o estado emocional da criança influencia diretamente sua própria saúde mental. Quando os pais interpretam comportamentos da criança como sinal de sofrimento, isso aumenta o nível de estresse parental, prejudicando o vínculo e reduzindo a disponibilidade emocional para interagir positivamente.

Assim, os resultados indicam que o vínculo familiar está profundamente entrelaçado às experiências de estigma. Famílias que vivenciam estigma intenso tendem a desenvolver vínculos fragilizados, menos tempo de qualidade e maior distância emocional entre pais e filhos.

4.4. Estigma e Adesão ao Acompanhamento Terapêutico

A revisão mostra ainda que o estigma afeta significativamente a adesão aos acompanhamentos terapêuticos. Silva e Neves (2024) observam que o estresse acumulado pelos pais pode prejudicar a rotina de comparecimento às terapias ou até mesmo gerar resistência às orientações profissionais por se sentirem incapazes de cumpri-las.

Lima e Teixeira (2024) confirmam que mães com maior estigma internalizado tendem a evitar serviços de saúde, por acreditarem que serão julgadas ou responsabilizadas pelo comportamento da criança. Esse afastamento tem consequências diretas no desenvolvimento infantil, já que as intervenções baseadas na continuidade são as mais eficazes para o TEA.

Além disso, Jolly e Huber (2025) apontam que a falta de rede de apoio agravada pelo estigma, reduz o tempo e a energia disponíveis para levar a criança ao tratamento. Pais emocionalmente exaustos ou socialmente isolados apresentam maior evasão e menor engajamento nas práticas terapêuticas.

Esses achados evidenciam que o estigma compromete não apenas a saúde mental dos cuidadores, mas também o desenvolvimento infantil, ao interferir na constância, motivação e segurança da família em buscar apoio profissional.

4.5. Fatores Protetivos e Possíveis Caminhos para Redução do Estigma

Embora os estudos enfatizem a presença do estigma, eles também indicam estratégias fundamentais para redução de danos. Jolly e Huber (2025) destacam que redes de apoio social fortalecidas sejam familiares, comunitárias ou institucionais funcionam como proteção contra adoecimento psíquico.

Magalhães et al. (2021) apontam que a inclusão da família em grupos de apoio reduz o isolamento e melhora a compreensão sobre o TEA, diminuindo a internalização do estigma. Da mesma forma, Paula et al. (2024) sugerem que a disseminação de informação de qualidade é uma ferramenta essencial contra o estigma social.

Além disso, intervenções psicológicas focadas nos cuidadores, como destacam Silva e Neves (2024), são importantes para promover autocuidado, fortalecer a autoestima e melhorar o vínculo com a criança. A psicoeducação adequada, quando conduzida com sensibilidade, contribui para que os pais compreendam o diagnóstico sem interpretá-lo como falha pessoal.

Os resultados indicam, portanto, que o enfrentamento ao estigma exige ações multidimensionais: informação, apoio emocional, suporte profissional e fortalecimento comunitário.

4.6. Síntese Integrada dos Resultados

A análise comparativa dos estudos permite compreender que:

- o estigma social permanece forte e cotidiano, dificultando a participação plena das famílias em espaços públicos;
- o estigma internalizado é altamente prevalente, afetando principalmente mães;
- o estigma compromete o vínculo afetivo, pois aumenta o estresse, reduz o tempo de qualidade e prejudica a comunicação familiar;
- a adesão terapêutica depende diretamente do bem-estar emocional dos cuidadores;
- ações de apoio e psicoeducação são fundamentais para mitigar impactos e favorecer a saúde mental parental.

Em síntese, os resultados demonstram que o estigma tanto social quanto interno possui efeito direto e profundo no acompanhamento terapêutico, na qualidade de vida dos pais e no desenvolvimento das crianças diagnosticadas com TEA.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender, a partir das evidências científicas analisadas, que o estigma social, o auto estigma e os impactos emocionais associados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) constituem fatores determinantes no bem-estar psicológico e na qualidade de vida dos pais e cuidadores. A síntese dos dez estudos selecionados evidenciou que o diagnóstico do TEA, embora represente um importante marco para o planejamento terapêutico, também desencadeia um conjunto de desafios subjetivos, sociais e relacionais que ultrapassam o cuidado diário da criança, afetando diretamente a dinâmica familiar.

Os resultados demonstraram que o estigma tanto social quanto internalizado permanece como um dos fatores mais prejudiciais à saúde mental dos pais. A presença de olhares julgadores, comentários preconceituosos e falta de compreensão pública sobre o autismo intensificam sentimentos de vergonha, isolamento e insegurança, especialmente entre mães, que são frequentemente as principais cuidadoras. Além disso, verificou-se que a ausência de conhecimento social sobre o TEA contribui para a manutenção de mitos e para a construção de identidades parentais fragilizadas.

Outro ponto relevante identificado é que a sobrecarga emocional e o estresse parental aparecem como consequências recorrentes. A literatura analisada evidencia que o cuidado contínuo, a exigência de vigilância permanente e as dificuldades comportamentais das crianças reforçam a experiência de exaustão física e psíquica. Estudos também reforçam que esse contexto pode gerar repercussões conjugais,

diminuindo a qualidade das relações familiares e dificultando a adesão aos tratamentos da criança.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de fortalecimento das redes de apoio social, emocional e comunitário, bem como a ampliação de políticas públicas voltadas para a inclusão, desestigmatização e suporte às famílias. Estratégias como grupos de apoio parental, psicoeducação, campanhas de conscientização e acesso ampliado a serviços de saúde mental são essenciais para mitigar os impactos identificados.

Por fim, conclui-se que as experiências de pais e cuidadores de crianças com TEA exigem um olhar integral, sensível e multidisciplinar. O enfrentamento do estigma, o suporte emocional contínuo e o investimento em inclusão social são caminhos fundamentais para promover qualidade de vida, fortalecer vínculos familiares e garantir um desenvolvimento mais saudável para as crianças e suas famílias. Espera-se que este estudo contribua para futuras pesquisas e para a construção de práticas mais humanas, acolhedoras e eficazes no cuidado às famílias que convivem com o TEA.

Apresentar as considerações finais a partir dos resultados encontrados com a pesquisa. Descrição das principais contribuições do estudo e indicativos para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

A, F. B. et al. ***As repercussões emocionais em pais com filhos do Transtorno do Espectro Autista.*** Acervo Saúde, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11129> Acesso em: 05 de nov de 2025

ALVES, A. J. B.; ARAÚJO, A. G. R.; FRANCO, J. S.; ZANON, R. B. **Fatores preditivos do estigma do autismo em uma amostra brasileira:**A quantitative study. *Revista PsiPorã*, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/psipora/article/view/18620> Acesso em: 01 de nov de 2025

ANJOS, M. A. F. dos; MORAIS, A. C. de. ***Família e autismo: uma revisão narrativa sobre o impacto do diagnóstico na relação conjugal.*** 2022. Disponível em: <https://editora.literacienciaeditora.com.br/capituloPDF/220106105.pdf> Acesso em: 29 de out de 2025

ARAÚJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônia Aparecida da; ZANON, Regina Basso. ***Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão.*** *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 27, 2023. DOI: 10.1590/2175-35392023-

247367. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367> Acesso em: 29 de out de 2025

American Psychiatric Association. (2023). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR** (5th ed. rev.). Artmed. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1677-0471202400020019800001&lng=en Acesso em: 01 de nov de 2025

Bardin, L. (2016). **Análise de conteúdo**. Edições 70. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 de nov de 2015

CUNHA, F. B. et al. **Percepção parental sobre o filho com autismo: as repercussões na adaptação familiar**. *Psicologia em Pesquisa*, v. 16, 2022. DOI: 10.34019/1982-1247.2022.v16.32614. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472022000200005&script=sci_arttext Acesso em: 05 de nov de 2025

ESPER, M. V.; SANTOS, M. A.; WENDLAND, J.; NASCIMENTO, L. **Grupo de apoio com pais de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento**. *Revista Educação Especial*, 37(1), 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/88907> Acesso em: 05 de nov de 2025

Gil, A. C. (2019). **Métodos e técnicas de pesquisa social** (7. ed.). Atlas. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Gil,+A.+C.+\(2019\).+M%C3%A9todos+e+t%C3%A9cnicas+de+pesquisa+social+\(7.+ed.\).+Atlas.+Dispon%C3%ADvel+em:&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Gil,+A.+C.+(2019).+M%C3%A9todos+e+t%C3%A9cnicas+de+pesquisa+social+(7.+ed.).+Atlas.+Dispon%C3%ADvel+em:&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar) Acesso em: 05 de nov de 2025

JOLLY, K.; HUBER, T. **Entre o cuidar e o adoecer: fatores que impactam a saúde mental dos pais de crianças autistas**. *Psicodebate*, 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/396695663_ENTRE_O_CUIDAR_E_O_ADOECER_Fatores_que_impactam_a_saude_mental_dos_pais_de_crianças_autistasBETWEEN_CARING_AND_FALLING_ILL_Factors_impacting_the_mental_health_of_parents_of_children_with_autism_spectr Acesso em: 05 de nov de 2025

LIMA, C. V.; TEIXEIRA, M. C. V.; SIQUEIRA, L. P. C.; LOWENTHAL, R.; PAULA, C. S. **Autoestigma em mães de crianças com transtorno do espectro autista**. *Psicologia & Sociedade*, v. 36, e281976, 2024. DOI: 10.1590/1807-0310/2024v36281976. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2024v36281976> Acesso em: 01 de nov de 2025

LOPES, D. A.; TELASKA, T. S. **Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática da literatura**. *Revista Psicopedagogia*, 39(120), 2022.

Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/749/inclusao-de-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista--revisao-sistematica-da-literatura>
Acesso em: 01 de nov de 2025

MAGALHÃES, E. C. et al. **Experiência emocional de familiares no cuidado a pessoas com TEA**. Revista Ensaios Pioneiros, 2021. Disponível em: <https://ensaiospioneiros.usf.edu.br/ensaios/article/view/493> Acesso em: 29 de out de 2015

MENDES, C. H.; PEREIRA, M. W. **O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e o impacto nas expectativas e projetos parentais**. Revista de Psicologia, v. 12, n. 3, p. 154-170, 2021. Disponível em: Fonte: SciELO <https://share.google/jVFwO9qYij852IZAo> Acesso em: 01 de nov de 2025

Minayo, M. C. S. (2022). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde (16. ed.)**. Hucitec. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FgpDFKSpjsybVGMj4QK6Ssv/> Acesso em: 29 de out de 2015

MOKARIN, G. B. **Estigma e estresse na maternagem de pessoas com transtorno do espectro do autismo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/66433> Acesso em: 29 de out de 2015

OLIVEIRA, P. S. COSTA, G. B. **A importância da desconstrução de rótulos na representação social do Transtorno do Espectro Autista**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 19, n. 1, p. e02401, 2024. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260403> Acesso em: : 29 de out de 2015

PAULA, V. V. et al. **Escalas de Estigma e Conhecimento sobre Autismo: adaptação e evidências de validade. Avaliação Psicológica**, v. 23, n. 2, 2024. DOI: (verificado no PDF) ≈ 10.1590/1677-0471-2024-23-02-0198. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712024000200198 Acesso em: : 29 de out de 2015

ROSA, E. L. da. **O papel da família e da escola na inclusão de crianças com TEA: proteção e bem-estar infantil**. Revista FT, 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-papel-da-familia-e-da-escola-na-inclusao-de-criancas-com-o-transtorno-do-espectro-autista-protacao-e-bem-estar-infantil> Acesso em: 29 de out de 2015

ROSSETTI, L. P.; WEIGELT, L. D.; CHIELLE, M. P.; SOMAVILLA, V. E. da C. **Um olhar às narrativas dos pais de crianças com TEA: compreendendo os sentimentos e os desafios na busca por um atendimento adequado**. Revista Educação Especial, 2024. Disponível em: 01 de nov de 2015

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71018> Acesso em: 01 de nov de 2015

SANTOS, D. M. A.; GONÇALVES, R. B. **A presença de crianças diagnosticadas com TEA em escolas públicas: contradições na oferta de serviços terapêuticos.** *Atos de Pesquisa em Educação*, 2022. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/11133> Acesso em: 01 de nov de 2015

SANTOS, V. H. et al. **Percepção dos pais sobre a saúde de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.** *Cadernos de Saúde Pública, SciELO*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202533010415> Acesso em: 05 de Nov de 2025

SILVA, L. S.; NEVES, F. S. **Autismo: os desafios enfrentados pelos pais e as estratégias na promoção da saúde mental.** IBAC, 2024. Disponível em: <https://ibac.com.br/autismo-os-desafios-enfrentados-pelos-pais-e-as-estrategias-na-promocao-da-saude-mental/> Acesso em: 05 de Nov De 2025